



## **HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE EDUCADORAS DO MUNICÍPIO DE MAMANGUAPE: TECENDO OS PRIMEIROS FIOS**

Francymara Antonino Nunes de Assis; Joanderson de Oliveira Gomes

*Universidade Federal da Paraíba – francym@terra.com.br (1)*

*Universidade Federal da Paraíba – joandersonoliveira@hotmail.com (1)*

**Resumo:** Este trabalho é fruto da pesquisa em andamento “Histórias e memórias de educadoras do município de Mamanguape: fragmentos da história da educação da Paraíba”, vinculada ao programa PIBIC – UFPB. Trata-se de uma primeira abordagem das narrativas sobre o processo de formação e sobre cotidiano escolar vivido pelas educadoras que fazem parte da pesquisa. Os depoimentos das educadoras, assim como seus arquivos pessoais são parte do acervo que será objeto de estudo deste trabalho. A pesquisa encontra-se em fase de levantamento e catalogação das fontes, o que permite a construção das primeiras análises. As narrativas que compõem este artigo são resultantes de entrevistas realizadas nos dias 08/11/2015 e 20/01/2016. As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra. O objetivo é refletir, por meio de relatos orais de vida, sobre as experiências de formação docente e o fazer pedagógico. A metodologia adotada para a análise do tema compreende a discussão teórica sobre a cultura escolar, os estudos no território da memória, bem como as contribuições da nova história cultural, na perspectiva do enfoque na vida cotidiana. As narrativas abrangem os primeiros anos de formação e exercício da docência. A apreciação de suas falas permite desvelar, mesmo que de forma parcial, práticas culturais implementadas no processo de formação docente, bem como o fazer pedagógico no tempo estudado. Desse modo, é possível apreender as formas de organização do cotidiano escolar e as prováveis estratégias utilizadas para desenvolver o ensino, como os métodos punitivos e disciplinares.

**Palavras-chaves:** História Oral, Educadoras, Memórias.

### **Introdução**

Na atualidade, entende-se que a riqueza de experiências e conhecimentos que os educadores constroem ao longo de suas trajetórias é o que efetivamente constitui as histórias da educação de cada escola, de cada contexto, de cada época. Nesse sentido, propomos a utilização das narrativas sobre a trajetória profissional e as práticas educativas de educadoras do município de Mamanguape

como objeto de estudo e fonte para a escrita da história da educação da Paraíba.

Pretendemos, através da recuperação da memória feminina e das experiências de vida, enunciar algumas possibilidades de leitura acerca das relações pedagógicas, dos processos de formação escolar e das práticas educativas de educadoras da cidade. O que buscamos é realizar um investimento de inclusão da voz do docente, de sua história



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

pessoal de formação e trabalho, como elementos de conhecimento capazes de contribuir para a percepção histórica das práticas pedagógicas e da profissão docente.

Levando-se em conta a importância da memória nos relatos de vida de professoras e seguindo as premissas da história oral, este estudo procurará focalizar a história de vida das educadoras, buscando com isso, construir um olhar diferenciado para a prática educativa, tendo como norte de pesquisa a trajetória vivenciada no magistério.

Entendemos que a reflexão cuidadosa sobre as vivências e experiências de vida, registradas de diferentes formas, pode permitir que se desfaça a experiência vivida para reconstruí-la pautada em novos conhecimentos, novos sentidos e reorientações para a vida e para a prática pedagógica. As histórias de vida também permitem a comparação e reflexão entre sujeitos que se encontram distanciados pelo tempo, pelo espaço, pela cultura.

Desvelar as trajetórias profissionais e dar inteligibilidade às ideias das educadoras que participarão do projeto, nos diversos espaços de sociabilidades e atuação, entendendo suas singularidades, são os desafios propostos pela pesquisa, que poderão auxiliar no entendimento da questão educacional em Mamanguape e na Paraíba.

### *O itinerário da pesquisa no campo da Nova História Cultural*

Durante muito tempo a história foi contada por homens, no entanto, na contemporaneidade, há um grande interesse em se pesquisar as mulheres como participantes da história.

Esse debate foi possível graças à revisão da produção historiográfica realizada especialmente por historiadores da nova história cultural. A partir dessa análise, sinalizou-se a necessidade de serem incorporadas novas fontes para um conhecimento historiográfico mais abrangente da realidade (Burke, 1992). Nessa perspectiva, a recuperação da memória feminina é uma questão fundamental na escrita da história, seja porque permanecem como um grupo que historicamente não foi investigado ou porque compõem um grupo social que continua a sofrer diversas formas de opressão e de exclusão.

Nesse universo de investigação, as temáticas sobre o campo educacional sempre estiveram presentes, seja quando os estudos se referiam às questões da educação escolar, seja quando focalizavam as dimensões educativas das vivências dos indivíduos fora da escola.

As reflexões trazidas por esta nova configuração do campo da história e o interesse pela vida de educadoras que no passado romperam fronteiras sociais deram



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

origem a este projeto de pesquisa que tem como objeto de estudo a história da educação do município de Mamanguape a partir da reflexão sobre a trajetória profissional e as práticas educativas de educadoras do município, às quais se entrelaçam suas formações e atuações sociais e históricas.

Nesse contexto, o estudo proposto neste projeto converge para uma análise historiográfica que se assenta sobre a história das práticas educativas e da profissão docente.

## **Metodologia**

A alternativa metodológica mais adequada para responder às demandas postas por este estudo é a história oral, reconhecida por valorizar a memória dos sujeitos, resgatando a tradição oral e as experiências vividas por atores sociais colocados à margem da história tradicional. Para Meihy (1996, p.10), a fonte oral é “[...] uma percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado”. O autor considera que ela “garante sentido social à vida de depoentes e leitores que passam a entender a sequência histórica e a sentirem-se parte do contexto em que vivem”.

Esse recurso metodológico será utilizado para a obtenção de dados sobre aspectos específicos da trajetória de vida das educadoras, suas formações e práticas educativas. Como técnicas de pesquisa serão

utilizadas a história de vida e o depoimento oral, que irão incidir sobre um determinado tempo e espaço históricos.

O desenvolvimento desse trabalho implica inevitavelmente na busca da compreensão do conceito de memória e história. Este esforço se justifica, pois a história oral tem como suporte as lembranças, evidenciando uma memória coletiva. Esta última pode ser entendida como somatória de experiências individuais passíveis de serem utilizadas como fontes históricas. Para Ferreira (1994, p.8), a história “[...] busca produzir um conhecimento racional, uma análise crítica através de uma exposição lógica dos acontecimentos e vidas do passado.” A memória é também uma construção do passado, mas pautada em emoções e vivências; ela é flexível, e os eventos são lembrados à luz da experiência subsequente e das necessidades do presente. Sendo assim, história e memória são diferentes, mas ao mesmo tempo se completam.

Com esse entendimento, o trabalho ora apresentado pretende fornecer um diálogo efetivo com a teoria e a prática no campo da história da educação. Na perspectiva de favorecer este diálogo, propomos a investigação das vozes femininas como forma de resgate e reconhecimento de sua história, pois concordamos com Perrot, (2005, p. 29)



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

quando afirma que “a dificuldade da história das mulheres deve-se inicialmente ao apagamento de seus traços, tanto públicos quanto privados”.

Analisando o processo histórico é possível perceber a dificuldade em se reconhecer a mulher como sujeito histórico, logo sujeito que faz história. Para Soihet e Pedro (2007):

Grande parte desse retardo se deveu ao caráter universal atribuído ao sujeito da história, representado pela categoria ‘homem’. Acreditava-se que, ao falar dos homens, as mulheres estariam sendo contempladas, o que não correspondia à realidade. (SOIHET; PEDRO, 2007, p. 284)

Nesse sentido, compreendendo a mulher como sujeito que faz história, elegemos as narrativas das educadoras do Vale do Mamanguape como fontes privilegiadas para refletir acerca dos processos de formação e desafios impostos a trajetória docente. Temos então a possibilidade de um “testamento da docência”, expressão trazida por Bragança, (2010, p. 162) quando assinala “[...] a importância da narrativa das histórias de vida das professoras como “testamento da docência”, [...] abrindo a possibilidade de que outras pessoas, na leitura desses testamentos, possam, também, vivenciar uma experiência de aprendizagem [...]”.

## Resultados e Discussão

Entendemos que as vivências de nossas docentes estão inteiramente perpassadas por conhecimentos e práticas ativas, uma vez que a escola, local onde desenvolvem o seu fazer pedagógico é um ambiente criador e potencializador de conteúdos culturais, conforme nos diz Garnica, (2010, p. 181 – 182):

A escola [...] cria, potencializa e mantém conteúdos culturais, pois nela há muito mais do que atores passivos frente a um conteúdo escolar estagnado e estático: ao tomar um conteúdo como objeto de ação, muito mais do que esse conteúdo vem à cena. Vem ao centro da reflexão uma teia complexa de relações, de poderes, de valores implicitamente defendidos, de estratificação, de normas sociais, de manutenção de status, de resistências nem sempre tão silenciosas...

Sendo assim, percebemos que por meio das histórias de vida das docentes entrevistadas podemos refletir acerca de como se configuravam esses espaços de formação e de atuação, desvelando aspectos da história da educação do município de Mamanguape - PB.

### *Fragmentos biográficos das educadoras de Mamanguape*

A presente pesquisa propõe uma reflexão acerca de como se configura o espaço de formação e atuação das educadoras entrevistadas, a partir da coleta de dados das suas histórias de vida, níveis de instrução e



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

áreas de conhecimento e atuação. Entendemos que essas educadoras têm muito a dizer, e que suas vozes estão impregnadas de conhecimentos e saberes que podem enriquecer e ajudar a refletir sobre a prática educativa na contemporaneidade.

Nossa primeira entrevistada é a Professora M.N.S., 59 anos, solteira, filha da senhora P.M.C, doméstica e do senhor S.J.S., carpinteiro. Nasceu em 03 de setembro de 1954. Formou-se no magistério e atuou durante 33 anos em sala de aula. Morava em Ribeiro, interior de Mamanguape. Aprendeu a ler embaixo de uma árvore que se localizava na casa da sua professora.

Buscamos em nossa entrevista conhecer a formação da docente, que se deu no Instituto Moderno, localizado na cidade de Mamanguape – PB, instituição onde fez o pedagógico. A educadora relata como se deu sua formação. Na sala de aula ela, assim como todos os alunos, não tinha permissão para falar. Os professores que ministravam as aulas tinham o direito da fala e seus alunos o dever da escuta:

Eu ficava com aquilo trancado dentro de mim, não tinha oportunidade de falar as coisas que sentia vontade, ou fazer perguntas, o professor não deixava, as palavras só eram as dele. (PROFESSORA M.N.S., 08/11/2015)

Fica claro na fala da professora seu desejo de participar da aula mais ativamente, expondo suas dúvidas, se colocando frente às

ideias dos autores que fundamentavam sua formação teoricamente. Havia um professor em sala, ele sabia do que falava, a ela não cabia o questionamento, apenas o silêncio. No ensino pedagógico da época, o bom aluno fala pouco, e para o aluno que em breve será professor, ao que parece, a mesma lógica se aplicava.

O material didático utilizado na instituição (livros) era comprado. Por não ter condições financeiras, M. N. S. conseguiu os livros em forma de empréstimo, com a condição de após o término do curso fazer a devolução para o Instituto Moderno. O livro, volume único, era formado por todas as disciplinas (Português, Matemática, Ciências, História e Geografia).

Não existiam atividades onde os alunos dessa formação pedagógica escrevessem livremente. A educadora entrevistada nos conta que existia apenas transcrição de textos que estavam no livro adotado pela instituição, e às vezes, leitura compartilhada na sala. Em outros momentos, eram orientados a fazer uma leitura em casa sobre determinado capítulo para a realização de avaliação oral e sem consulta, na qual deveriam responder exatamente da forma descrita no livro, variações ou sinônimos não eram aceitos:

Tínhamos que ficar em uma matéria até aprendermos, só saíamos de uma matéria para outra após termos



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

aprendido ela inteira. (PROFESSORA M.N.S., 08/11/2015)

Desse modo, percebe-se a importância dada à memorização do conteúdo, traço do ensino tradicional tão fortemente enraizado na prática pedagógica da época. A apropriação, recriação, (re)significação do conteúdo pelo sujeito não era relevante. Não existia autonomia do aluno para refletir acerca de sua formação. O conteúdo curricular devia ser visto como verdade inquestionável. Não havia a necessidade de um ensino que instigasse a criticidade. O processo ensino-aprendizagem se efetivava no momento em que o aluno memorizasse e repetisse o conteúdo expresso no livro.

A educadora também relata que sofreu discriminação por ser de origem humilde e bolsista da instituição, o que a fez pensar em desistir de estudar. Não tinha amigos na sala, com exceção de uma colega:

Eu pensei, eu vou desistir daqui, quero mais não, porque eu achava que os alunos, eles não queriam amizade comigo, só com os outros alunos. Teve uma vez que o professor me chamou para escrever uma palavra no quadro, quando me levantei para ir, um aluno colocou o pé e eu caí, comecei a chorar e o professor não disse nada, ficou só olhando, me levantei e meti a mão nas costas do menino, e o professor continuou sem fazer nem falar nada, continuou calado. (PROFESSORA M.N.S., 08/11/2015)

Depois desse episódio ela só continuou a frequentar a aula por insistência da

colega. O que nos intriga é o silenciamento do professor em sala de aula. O que o levou a ignorar o acontecido? Será que a situação seria a mesma se a pessoa que foi vítima da “brincadeira” fosse um aluno não-bolsista?

Segundo a educadora, o preconceito vivenciado nesse período se dava por sua condição financeira, e por não saber o que fazer para reverter essa situação, sentia-se impotente, chegando a pensar em parar de estudar. Persistiu no curso por não haver muitas possibilidades de emprego para o público feminino. Ser professora parecia ser o único meio de ascensão social. Conforme nos diz Perrot (2008, p.128):

O fato de as mulheres aí estarem presentes mostra o seu progresso na conquista de saberes. Falta muito, no entanto, para ficarem em condição de igualdade na hierarquia das responsabilidades e dos poderes, inclusive no emprego público.

Por ser mulher e pobre, parecia que seu destino já estava traçado, uma vez que as formas de se perceber a mulher, ditadas pela convenção social, determinava que caminhos a figura feminina iria trilhar. As possibilidades de rupturas com um sistema de convenções tão arraigado eram muito limitadas, e as mulheres aproveitaram os espaços disponíveis para mostrar que eram tão capazes quanto os homens. A Professora M.N.S é apenas um exemplo de tantas outras



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

mulheres cuja trajetória profissional trás a marca das possibilidades de sua época.

Lembra que quando começou a lecionar, a relação aluno – professor – família era baseada no respeito e no temor a autoridade do professor:

A mãe chegava com os alunos e dizia assim: tá aqui o meu menino, agora a mãe é você, tá vendo ela aqui? (perguntava ao filho), ela agora é como sua segunda mãe, em casa sou sua mãe legítima, aqui é ela, o que ela fizer tá bem feito, se eu tiver reclamações suas, quando chegar em casa você vai pro “couro”, está ouvindo? (PROFESSORA M.N.S., 08/11/2015)

Para a educadora, dessa forma os alunos tinham mais respeito pela figura do professor, respeito esse que tinha início nos pais e se estendia para os filhos. O “respeito” a que ela faz menção em sua fala refere-se ao discurso do medo, o que nos leva a pergunta: o que distancia tanto o professor do aluno para que nossa entrevistada acredite que é preciso uma “intimidação” dos pais, para que seus alunos a obedecam?

Suas aulas tinham início com uma oração, depois se cantava uma música (cantigas de roda), feito isto, ela escrevia um exercício em cada caderno para os alunos. Depois, mostrava na lousa como resolver o exercício. Na sequência, mais um momento de cantigas de roda, algumas brincadeiras, e depois retomavam a aula com o momento da leitura individual, no qual os alunos iam à

frente da sala para ler um pequeno texto. Assim se encerrava o dia letivo.

Seu planejamento se dava com base em um livro intitulado “Manual do Professor – A Mágica do Aprender”, de Yolanda Marques. Nesse livro encontrava o planejamento de todas as disciplinas, ela só os transcrevia para a caderneta. Abaixo, ilustramos a capa do Manual:

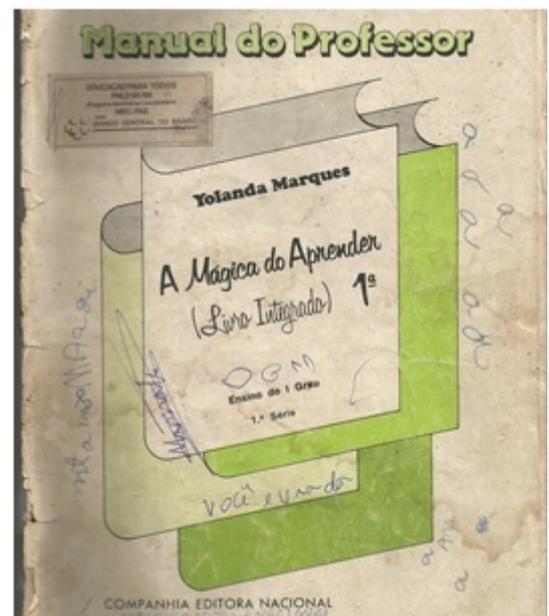


Imagem 1 – Capa - Manual do Professor – A Mágica do Aprender – Arquivo das educadoras.

Por meio desse material percebemos a marca da prática docente tradicionalista da época. Ao professor não é necessário pensar, refletir, questionar a prática, refazer a metodologia, refletir acerca da realidade, nem (re)significar os conteúdos programáticos partindo dos sujeitos a quem iria ministrar suas aulas.

Ora, se o professor recebe um manual com o passo a passo de suas aulas, o que mais



iria fazer? A prática da educadora entrevistada indica a marca de seu tempo: o professor devia seguir o que estava escrito no manual indicado pela escola.

Na imagem que se segue, percebemos como o manual era preciso nas orientações de planejamento da aula:



Imagem 2 - Manual do Professor – A Mágica do Aprender – Arquivo das educadoras

Percebe-se quão distante esse processo ensino-aprendizagem está da realidade dos sujeitos. A aula da professora foi pensada por alguém distante do universo em que atua, aproximando-se muito mais de um fazer técnico.

Nossa segunda entrevistada, a professora R.M.F.B.Q., nasceu em 08 de junho de 1955, filha de J.F.S., agricultor e de F.M.S., agricultora. Formada em Pedagogia pelo Unipê (1988), Especialista em Educação

Infantil pela UFPB Campus I e em Educação de Jovens e Adultos, também pela UFPB campus IV.

Segundo a professora, a principal dificuldade que enfrentou durante a formação foi a financeira, pois se graduou em uma universidade privada. A maioria dos alunos que a frequentava era, em suas palavras, “filhinhos de papai”, que tiveram oportunidades de aprendizado diferenciadas das suas. Afirma que infelizmente ainda temos um grande distanciamento entre a qualidade do ensino público e o privado, e esse foi um dos entraves em sua formação.

Sobre a escolha do exercício docente, nos diz que:

[...] Fui para o pedagógico por incentivo de uma professora do Instituto Moderno [...] ela disse: “R. vai fazer pedagógico, porque é o curso que a mulher pode tá trabalhando cedo”. Enfim, antes de terminar o pedagógico eu comecei a trabalhar numa escola infantil, [...] aí eu disse, vou se professora, uma boa professora, e desde então venho me aperfeiçoando. (PROFESSORA R.M.F.B.Q., 20/01/2016)

O conselho recebido pela entrevistada confirma a realidade vivida pela professora M.N.S. Ambas perceberam que, como mulher, o ofício mais viável era ser professora, as outras profissões, ao que parece, ficavam a cargo dos homens.

Assim como a primeira docente, a professora R.M.F.B.Q. afirma que algo não está dando certo. A escola parece não



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

conseguir cumprir sua função social. Para a educadora, o aluno deve sair da escola lendo e escrevendo, o que não se verifica no fazer escolar.

Percebe-se no relato de quem vive a realidade da sala de aula a necessidade de mudança. O apelo para a mudança que, enfim, construa um quadro mais positivo de nossa educação:

[...] a LDB é de 1996, tudo está lá, as propostas, agora veio uma obrigação para que o aluno seja obrigado a aprender a ler e escrever até o 3º ano, que ele vá para o 4º ano no mínimo sabendo isso, e isso ainda não está acontecendo. Documentos legais não faltam, o RCNEI é desde 2000, eu participei de todo o processo, trazia para aqui, mas o professor não acredita que o aluno aprende a ler, lendo, porque se você diz trabalhe uma parlenda com o aluno, deixa exposto lá na sala, numa visão que ele alcance, para que ele vá lá e leia aquilo ali, não convencionalmente, mas ele não acredita. Ele só acredita se o aluno tiver B com A, BA, ou B de bola, U de uva, Ivo viu a uva, o texto com duas linhas, três linhas, se for no V é tudo no V, se for no B é tudo no B [...].  
(PROFESSORA R.M.F.B.Q., 20/01/2016)

Duas mulheres distintas com histórias de vida que parecem cruzar-se. A professora R.M.F.B.Q. também não percebe respeito pelo seu fazer sob a perspectiva do aluno. Para ela, é como se o professor não fosse importante, estando na sala de aula para preencher o tempo, e só. A partir de suas falas podemos refletir sobre o fazer docente, os problemas de aprendizagem, a relação

professor-aluno que parece ter se transformado no decorrer do processo histórico.

Sobre os primeiros anos da docência, a educadora nos relata que:

Na época que eu comecei a trabalhar a proposta era trabalhar a cartilha [não a do ABC], uma espécie de livro didático da época, a gente tinha a preocupação de trabalhar aquele livro, e o aluno ler todos os dias fazer a questão da leitura. [...] e eu acho que, não sei dizer o porquê, que hoje a gente percebe que todo mundo tem livro, mas não é feito esse trabalho de leitura individual, faz uma leitura lá, todo mundo lê, [...] e hoje eu percebo que o professor não tem essa preocupação de passar um ano todinho e trabalhar aquele aluno para que ele tenha um rendimento bom, positivo no final do ano. Porque eu não entendo como você passa o primeiro ano todinho com uma criança e no final ela não tenha aprendido nada, não saia dali com o objetivo [da escola alcançado], de aprender a ler e escrever, porque o mínimo é isso. Quando isso não acontece, eu acho que o professor perdeu o ano todinho. (PROFESSORA R.M.F.B.Q., 20/01/2016)

A professora se mostra incomodada no que diz respeito à aprendizagem dos alunos nos dias atuais. Para ela, hoje as escolas dispõem de materiais didáticos para os alunos, dispõem de recursos, mas a apropriação do conhecimento não acontece na vida escolar do sujeito. Segundo a professora, os alunos de antigamente aprendiam melhor que os de hoje.



## Conclusão

As primeiras análises decorrentes das narrativas das educadoras que fazem parte dessa pesquisa permitem apreender valores, representações, formas de conceber o fazer docente, constituindo-se numa forma particular de narrar suas vidas.

Suas falas, planos de ensino, anotações de leituras, constroem um modo de inscrição das mulheres na sociedade, revelando atuações anônimas ou silenciadas.

Sobre a atuação docente, parece haver valorização de práticas educativas e disciplinares que submetam os alunos a um sistema de controle, com espaços e horários delimitados, que julgam importantes para uma educação de qualidade.

A interpretação de suas falas permite reconhecer as experiências que as singularizam na história da educação da Paraíba. Ao narrar suas histórias de vida, elas não só se dão a conhecer, mas também permitem compreender as condições culturais de seu tempo, o modelo de mulher propugnado, o significado do magistério em suas vidas.

Ouvir as educadoras, seus relatos, experiências de vida, pode nos ajudar a refletir sobre a prática educativa e como ela tem se configurado ao longo da história.

Acreditamos na possibilidade de ressignificação do presente pelas vertentes do passado e das experiências nele vivenciadas. Desvelar as memórias docentes de nossas entrevistadas é contar a história dentro da história, e talvez aquilo que pareça apenas um fragmento do passado possa implicar em grandes processos de reflexão.

É justamente pelas vias dessas experiências que desenvolveremos o nosso trabalho, procurando entender o que era ser professora na época em que as educadoras entrevistadas realizaram sua formação, assim como questões relativas à atuação docente, a vivência em sociedade e as oportunidades de inserção social para a mulher.

Entendemos que tais questionamentos nos darão subsídios para refletirmos nossas práticas do presente e entendermos como se construiu a história da educação na cidade de Mamanguape – PB.

## Referências

ALBERTI, Verena. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.

\_\_\_\_\_. **A história hoje: dúvidas, desafios e propostas. Estudos históricos**. Rio de Janeiro. V. 7, n. 13. 1994.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história:**



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

**novas perspectivas.** 2. Ed. São Paulo: UNESP, 1992.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer.** Petrópole: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações.** 2 ed. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral: um inventário das diferenças In: FERREIRA, Marieta de Moraes e Alzira Alves de Abreu... [et. Al.] **Entre-vistas: abordagens e usos da história oral.** Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1994.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Trad. Benardo Leitão: 5º ed. Campinas. SP: Editora UNICAMP. (Coleção Repertórios), 2004.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral.** São Paulo: Loyola, 1996.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer como pensar.** São Paulo: Contexto, 2007.

MELLO, José Baptista de. **Evolução do ensino na Paraíba.** 3a ed. João Pessoa: SEC/PB, 1996.

MORAES, Dislane Zerbinatti; LUGLI, Rosario Silvana Genta. (orgs.). **Docência, pesquisa e aprendizagem: (auto)biografias como espaços de formação/investigação.** São Paulo : Cultura Acadêmica, 2010. (Série Artes de viver, conhecer e formar).

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres.** 1.ed., 1ª reimpressão. – São Paulo : Contexto, 2008.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social.** In: Estudos históricos. Vol. 5, nº 10. Rio de Janeiro, 1992.

SOUZA, Rosa Fátima de. Lições da escola primária. In: SAVIANI, Dermeval... [et.al.] **O legado educacional do século XX no Brasil.** Campinas, SP: Autores Associados, 2004. (Coleção Educação Contemporânea).

VICENTINI, Paula Perin; ABRAHÃO. Maria Helena Menna Barreto. (orgs.). **Sentidos, potencialidades e usos da (auto)biografia.** São Paulo : Cultura Acadêmica, 2010. (Série Artes de viver, conhecer e formar).